



NOSSO ESPECIAL AMIGO

BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO CRISTÓVÃO COLON “EDIÇÃO PÚBLICA”

www.colon-portugues.blogspot.com

e-mail: assoc.cristovaocolon@gmail.com

Sede: Largo Cristóvão Colon, 7940-170 CUBA

2020 – MARÇO (Nº 13)

NOTA DE ABERTURA

Nesta edição pública do Nosso Especial Amigo incluímos um artigo de um dos nossos Membros com uma compilação de textos de diversas autorias. Nele se procura destacar vários aspectos que mostram as incongruências entre o perfil do navegador Cristóvão Colon que chegou ao Novo Mundo e o perfil do tecelão genovês Cristoforo Colombo a quem foi atribuído aquele feito.

CARLOS CALADO

EFEMÉRIDE

Assinalamos nesta data o 527º aniversário da chegada de Cristóvão Colon a Portugal, no regresso da sua primeira viagem ao “Novo Mundo” ou, nas palavras inscritas das ‘Capitulaciones’ de Santa Fé - contrato celebrado entre Colon e os Reis Católicos de Castela e Aragão - após ter descoberto ilhas e terra firme no grande mar Oceano, navegando para Ocidente.

Nessa longínqua época Cristóvão Colon ocultou a sua verdadeira identidade e ainda hoje isso continua a ser uma incógnita que apaixonou historiadores e pesquisadores.

CARLOS CALADO

OPINIÃO

Por José E. Pereira da Costa (Membro da ACC)

QUEM FOI CRISTÓVÃO COLON?

(Compilação resumida de textos de diferentes autorias)

O navegador, a quem a História atribuiu o feito de ter sido o primeiro a chegar ao “Novo Mundo”, adoptara o nome Cristóvão Colon para não revelar publicamente a sua verdadeira identidade a qual acabou assim por ficar desconhecida.

Porém, na circunstância deste desconhecimento, após divulgação da notícia da “descoberta”, a sua então já célebre figura foi apropriada por cronistas italianos que, pela década de 1490, o começaram a identificar como Cristoforo Colombo.

Segundo documentos notariais, um Cristoforo Colombo nascido em 1451, em Génova, tinha sido aprendiz e depois tecelão, estando ainda a trabalhar com seu pai, também tecelão, no ano de 1473.

Pela história fantasiosa que foi sendo construída, este Colombo teria chegado a Portugal em 1476, salvando-se a nado de um combate naval entre uma frota genovesa e navios corsários, perto do Cabo São Vicente.

Porém, embora ainda hoje sem identidade conhecida, seria português aquele a quem foi atribuído o feito de ter descoberto uma suposta Índia, navegando para Ocidente.

Muito jovem, terá começado a andar no mar, conforme deduzido do livro “História do Almirante” de autoria do filho Hernando Colon. Tendo-se perdido o manuscrito original deste livro, em 1571 viria surgir uma impressão duma sua tradução para italiano com o nome Cristoforo Colombo.

Após ter começado profissionalmente a navegar, actuou como corsário ao serviço do Rei de Portugal, na década de 1470, conforme referências constantes desse livro.

No Diário da sua 1ª viagem ao Novo Mundo, o próprio Cristóvão Colon relatou ter navegado, em 1472, para Renato de Anjou, Rei de Nápoles, Jerusalém e Aragão, aliado de Portugal. E, em 1473, seria já comandante de navios, segundo afirmou em carta de 1495, dirigida aos Reis de Espanha.

Em 1474, como navegador experiente, correspondia-se, em latim, língua erudita de carácter internacional, a partir de Lisboa, com o cientista florentino Toscanelli, conforme se deduz da carta que este então lhe escreveu e que viria a ser referida no livro de Hernando Colon. Ao longo da vida, viria a manifestar vastos conhecimentos resultantes de educação cuidada, em diversas matérias como álgebra, geometria, geografia, cartografia, cosmografia ou navegação.

Em 1477, de acordo com uma anotação do próprio Colon num dos seus livros, esteve envolvido no que se identificou ser uma expedição luso-dinamarquesa ao Atlântico Norte.

Provavelmente em 1479, Colon casou em Portugal com D. Filipa Moniz Perestrelo, fidalga e Comendadeira da Ordem de Santiago, conforme referido no testamento do filho primogénito Diogo Colon Moniz, e no livro do outro filho Hernando Colon. Só a alguém pertencente à aristocracia seria permitido esse casamento que teria de ser aprovado pelo Grão-Mestre da Ordem em Portugal, o futuro D. João II. A noiva era filha de Bartolomeu Perestrelo, Cavaleiro dessa Ordem, Donatário de Porto Santo, e de sua mulher D. Isabel Moniz, com ligações de parentesco a muita da ilustre fidalguia do Reino.

Viveram no arquipélago da Madeira e o filho Diogo, que sucedeu ao pai, nasceria por 1480.

Cristóvão Colon registou ainda, naquele mesmo Diário da 1ª viagem, a sua participação em viagens marítimas portuguesas, no secretismo de então, como sejam: ainda antes de 1482 pelas rotas de África/Guiné, em 1482-84 em viagens a São Jorge da Mina, ou antes de 1484, residente na Madeira/Porto Santo, pela rota das Ilhas de Cabo Verde e pela rota dos Açores.

Durante pelo menos 14 anos, Colon teve acesso aos maiores segredos de então, existentes nos arquivos portugueses, transcreveu documentos, copiou mapas, e discutiu as questões confidenciais da exploração marítima com navegadores e cosmógrafos, mantendo grande ligação a D. João II.

Saiu de Portugal para Castela, com o primogénito Diogo, por 1484/85, o que coincidiu com a fuga de muitos nobres que, sob o patrocínio de Castela, tinham conspirado contra a vida de D. João II.

Fixou-se na Andaluzia onde existiam importantes comunidades portuguesas.

Ao assumir então o nome de Cristóvão Colon, pelo qual passou a ser tratado e ficou conhecido, passou também a esconder a sua verdadeira identidade.

Tratava-se de um nome que pode ser uma mensagem. Num contexto de descobertas marítimas, *Cristóvão* significa aquele que leva Cristo, e *Colon* pode derivar do grego significando membro (de uma Ordem? da Ordem de Santiago? da Ordem de Avis? ...). A Corte Castelhana certamente conheceria a sua verdadeira identidade e aceitou não a divulgar, assim como a dos portugueses lá refugiados, como fazia para não ser acusada de proteger quem conspirasse contra o rei português.

Durante dois anos, o Duque de Medinaceli teve Cristóvão Colon com membro da sua Casa Ducal em Puerto de Santa Maria, Cádiz, numa demonstração de merecimento de favores próprios da aristocracia.

No ano seguinte à sua mudança para Castela, Colon voltou a Portugal para assistir, com D. João II, à apresentação dos resultados das medições da altura do sol feitas na Guiné, pelo mestre José Vizinho, cientista e físico da Corte.

Em 1486, viria a ser recebido pelos Reis Católicos, Fernando e Isabel, a quem propôs o projecto de chegar à Índia navegando para Ocidente. Tratava-se de um projecto que só beneficiaria Portugal:

- a Espanha viria a sentir-se enganada por ter libertado a rota para a Índia através do Atlântico, e
- as cidades italianas perderiam importância estratégica ao verem prejudicado o seu comércio com o Oriente através do Mediterrâneo.

Não obstante a Junta de Sábios tivesse recusado o projecto, Cristóvão Colon ficou, a partir de então, ao serviço de Castela com o filho Diogo como pajem da Corte. Em consideração aos seus direitos de berço, o seu nome viria a constar, até 1489, em vários registos de pagamentos em Castela, mesmo após o projecto ter sido recusado por uma segunda vez. Como exemplo, em 24 de Agosto de 1487, Cristóvão Colon recebeu 4,000 maravedis, para se deslocar a Málaga, ao acampamento Real da Corte itinerante. E, a 18 de Outubro desse ano, foram especificadas 30 dobras castelhanas como destinadas ao “português” que estivera nesse Real, em Málaga. Terá sido um deslize, a referência ao “português” pois, a partir daí, passaria a ser ambiguamente tratado como estrangeiro.

Sempre recebido pelos grandes senhores de Castela, já se tinha, entretanto, fixado em Sevilha, recebido na Casa ducal de Medina-Sidónia.

D. João II escreveu-lhe, em 20 de Março de 1488, tratando-o por “*nosso especial amigo em Sevilha*” pedindo-lhe para se deslocar a Portugal. E, em Dezembro desse ano, em Beja, encontrou-se com o Rei de Portugal, com a Junta de Matemáticos, e com Bartolomeu Dias, após este ter regressado de dobrar o Cabo da Boa Esperança e ter aberto o caminho marítimo para a Índia. Continuava assim, embora residindo em Castela, a ter acesso em primeira mão aos dados secretos das descobertas que estavam a ser feitas.

A sua escrita, de que só existem documentos já em Castela, era em castelhano mesclado com palavras portuguesas, ressaltando o português como sua língua natural, devido à correspondência trocada com D. João II. Também escrevia em latim, nas anotações aos seus livros raros, estes só acessíveis aos elevados estratos sociais.

Em Agosto desse ano de 1488, nasceu, em Córdova, Hernando Colon, seu filho natural, o qual viria a ser criado na Corte dos Reis Católicos e seria pajem do Príncipe D. Juan.

No ano seguinte, a Rainha Isabel de Castela emitiu uma cédula comunicando que Cristóvão Colon haveria de ir à sua Corte e a outros lugares, ordenando que o hospedassem em boas condições, não obstante o seu projecto ainda se manter rejeitado ...

E só após sete anos de insistência, em 17 de Abril de 1492, foram finalmente contratados os termos relativos à descoberta da rota da Índia navegando para Ocidente – as Capitulações de Santa Fé. A minuta deste contrato revela que Colon sabia a distância a que estas terras se encontravam e que já as conhecia, sendo o objectivo da viagem dá-las a Espanha. De facto, anteriores a 1492, existem relatos das explorações do Atlântico feitas de forma sistemática por Portugal. No caso de sucesso, e nos termos daquele contrato, Cristóvão Colon receberia os títulos de Almirante, de Vice-Rei e de Governador-Geral, e auferiria 10% dos futuros proventos, passando estas regalias aos seus herdeiros.

Significativo é o facto de estar registada uma tença anual de 60,000 maravedis, nos anos de 1492 e de 1493, para um “*Almirante de Portugal*” sem nome revelado, anos esses em que nada foi registado relativo a Colon.

Cristóvão Colon iniciou uma 1ª viagem em 3 de Agosto de 1492, partindo de Huelva, com uma frota constituída por três navios e 89 homens a maior parte dos quais criminosos.

Após escala nas Canárias, levou 36 dias na travessia do Atlântico até chegar, a 12 de Outubro, a um pequeno ilhéu das Antilhas ao qual deu o nome português de São Salvador. Tomou posse solene da ilha, em nome dos Reis Católicos tendo ostentado o estandarte real e três bandeiras com uma cruz verde, que fizera transportar nos três navios. Essa Cruz Verde era o símbolo da sua missão, como Colon fez questão de registar no Diário da viagem. Era a sua divisa pessoal, embora se desconheça se coincidia com o símbolo da Ordem de Avis.

Percorreu depois várias ilhas que foi nomeando de forma bem significativa, assim como lugares, com nomes já existentes na Madeira e Porto Santo, nos Açores, em Cabo Verde ou na Guiné, ou ainda, por exemplo, com nomes como Santa Maria da Conceção ou Vale do Paraíso.

Na noite de Natal, na ilha que nomeou de Hispaniola (actual ilha da República Dominicana e do Haiti), a principal nau ficou encalhada nuns baixios, talvez propositadamente. Colon puxou-a para terra, atravessou-a com um tiro de bombarda para que não pudesse voltar a navegar, e transformou-a numa fortificação paliçada, à qual deu o nome de La Navidad.

Como o seu objectivo não era mais do que chegar a ilhas atlânticas dizendo aos espanhóis que faziam parte da Ásia, deixou nesse forte 39 tripulantes, incluindo vários fidalgos que pretendeu não regressassem. Todos viriam a ser encontrados mortos, no ano seguinte.

No início do ano de 1493, iniciou o regresso à Europa. Mas não se dirigiu logo ao porto de partida. Após passagem nos Açores, avistou a Serra de Sintra a 4 de Março, após uma alegada forte tempestade, entrando seguidamente no estuário do Tejo.

Anunciada a sua chegada a D. João II, Colon recebeu deste a chamada para com ele se encontrar em Vale do Paraíso (Azambuja), encontro esse que se iniciou a 9 de Março e se prolongou por três dias. Logo, D. João II escreveu ao Rei Fernando, o Católico, reclamando para si o direito às novas terras, nos termos do Tratado de Alcáçovas, então em vigor.

A 11 de Março, a Rainha D. Leonor, demonstrando-lhe grande estima como a devida a um alto dignitário, pediu-lhe encarecidamente que não partisse sem a visitar e lhe beijar as mãos. Colon foi encontrá-la no Mosteiro de Santo António da Castanheira (Vila Franca de Xira), na companhia do seu irmão, o futuro Rei D. Manuel, e de outros nobres.

Esta estadia em Portugal durante uma dezena de dias foi de crucial relevância para as negociações que culminariam na assinatura do Tratado de Tordesilhas, no ano seguinte. De facto, cinco anos passados sobre a dobragem do Cabo da Boa Esperança, e uma vez estando os espanhóis envolvidos nas Antilhas admitindo que se tratava da verdadeira Índia, só faltaria a celebração desse Tratado para a viagem de Vasco da Gama poder começar a ser secretamente planeada.

Antes de partir de Lisboa para regressar a Castela, Cristóvão Colon comunicou a toda a Europa a sua “descoberta”. Tratou-se de uma verdadeira traição aos Reis Católicos, o seu anúncio aos quatro ventos a partir de Lisboa, através de cartas que, logo nesse ano, tiveram edições impressas e traduzidas para latim e italiano.

Os Reis Católicos, que se encontravam em Barcelona, acabaram por ser dos últimos a receber a informação, através de uma carta descrevendo a viagem e referindo *“Lembrem-se Vossas Altezas que eu deixei mulher e filhos e vim da minha terra para os servir”*. Nessa carta, justificava a vinda a Lisboa com uma tempestade. Mas, pelos registos no Diário da viagem, conclui-se que mentiu, para ocultar as razões da sua visita a Lisboa para conferenciar com D. João II.

Um outro exemplo de mentira foi, durante o regresso, ter feito uma paragem de vários dias na ilha de Santa Maria, desculpando-se também com uma tempestade, embora já estivesse sobre os Açores quando a tempestade surgiu, ou seja muito mais a Norte do que a rota natural.

Um dos aspectos mais significativos nas viagens de Cristóvão Colon é a sua repetida paragem em terras portuguesas. Algumas das explicações dadas aos Reis Católicos para justificar essas paragens são argumentos nada credíveis perante os factos.

Finalmente, não sem antes ter ainda feito escala em Faro, foi concluída a 1ª viagem no porto de Palos de La Frontera, no dia 15 de Março de 1493. Colon tinha “estacionado” por um mês em terras portuguesas.

Enquanto, até 1493, o nome do navegador fora sempre escrito Colon, a partir de então, passou a assinar "Xpo Ferens", "El Almirante" ou "Virrey".

Em Maio desse ano de 1493, chegou a Espanha um irmão de Cristóvão Colon com o nome de Diego Colon. Passou também a fazer parte do círculo restrito da alta nobreza, e os Reis Católicos concederam-lhe a dignidade de "Don", "fidalgo e cavaleiro" por mercê real. E o mesmo aconteceu a um outro irmão, Bartolomeu Colon, que ainda antes do fim do ano chegaria a Espanha, após ter sido recebido nas Cortes de Inglaterra e França como “embaixador” de Cristóvão Colon. Ainda nenhum dos dois prestara qualquer serviço a Espanha. Só comunicavam num português espanholado e de nenhum se viria a conhecer a verdadeira identidade.

Nesse mesmo mês, os Reis Católicos atribuíram ao Almirante um escudo de armas, sendo claramente indicado no respectivo texto que ele já teria outras armas de família, do qual faziam parte cinco âncoras de ouro sobre campo azul, num padrão tipicamente português, o que mostra a sua proveniência de uma família com nobreza.

Cristóvão Colon, como era conhecido, não passava de um pseudônimo, com o qual, por alguma razão, quis esconder a sua identidade e a sua linhagem do público em geral. Foi só após o regresso da 1ª viagem que surgiu o nome Colombo. Primeiro, em notícias enviadas por um informador 'italiano', desde Barcelona, para o Duque de Ferrara na península itálica. Depois, na publicação da carta difundida pela Europa com o anúncio da descoberta, que Colon enviara desde Lisboa.

Entretanto, os Reis Católicos, confrontados com a alegação do Rei D. João II de que as ilhas alcançadas por Colon ficavam dentro da área portuguesa delimitada no existente Tratado de Alcáçovas, apressaram-se a preparar uma frota de grande dimensão. Com data de 5 de Setembro de 1493, escreveram a Cristóvão Colon pedindo-lhe para definir com urgência a posição exacta das Índias, informação vital para a negociação com Portugal do tratado que seria assinado sobre a divisão do mundo ("*porque sabemos que disto sabeis vós mais que outro algum*"). Mas Colon nunca responderia a este pedido, deixando-os nas mãos dos negociadores portugueses.

Embarcou para a sua 2ª viagem, poucos dias passados, a 23 de Setembro, largando de Cádiz, desta vez acompanhado pelo irmão Diego, com 17 navios e quase 1,500 homens, entre tripulantes e povoadores. Tinham decorrido seis meses após o regresso da 1ª viagem. Já Cristóvão Colon tinha partido, quando o seu irmão Bartolomeu Colon chegou a Espanha. Tinha à sua espera uma carta deixada pelo irmão com as indicações necessárias para se encontrar com ele nas "Índias". Os Reis Católicos disponibilizaram-lhe três navios e este encontro viria a ocorrer a 24 de Junho do ano seguinte de 1494.

Novamente nas Antilhas a partir de 3 de Novembro de 1493, Colon só regressaria desta 2ª viagem quase passados três anos, já após a celebração do Tratado de Tordesilhas.

Começou por avistar a ilha Dominica nas Pequenas Antilhas, assim nomeada por ter sido a um Domingo. Continuou a percorrer novas ilhas até regressar à Hispaniola onde encontrou destruído o forte de La Navidad com os homens mortos.

Em Fevereiro de 1494, entregou ao irmão Diego as funções de Governador desta ilha e enviou uma pessoa da sua confiança a Espanha com notícias para os Reis Católicos, informações essas escassas e erróneas.

Em Abril, iniciou a exploração pela costa sul de Cuba e, sem ter contornado a ilha, em Junho obrigou a tripulação a jurar por escrito que a mesma fazia parte de um continente. Colon não facultava nenhum mapa aos pilotos dos vários navios e obrigava-os a seguirem-no, acabando todos por ficar sem noção precisa da dimensão das terras descobertas.

Na Europa, em pleno pico de tensão entre Portugal e Espanha por causa da localização das novas terras, os Reis Católicos assinaram iludidos o Tratado de Tordesilhas, a 7 de Junho de 1494, uma peça fundamental destinada a afastar os espanhóis das costas africanas, salvaguardando o Brasil para Portugal. Tinham cedido a todas as exigências de D. João II, nomeadamente aumentando o afastamento inicial da linha de demarcação mais 270 léguas para Ocidente, conforme o interesse de Portugal.

No ano anterior, durante as negociações, Colon tinha evitado fornecer informações precisas sobre estas "Índias" que os portugueses conheciam desde antes de 1492.

Nas Antilhas, durante o ano de 1494, o ambiente entre as muito diferentes personalidades dos membros da grande "delegação" chefiada por Colon começou a degradar-se com os problemas a acumularem-se e uma revolta a instalar-se. Com a chegada do seu irmão Bartolomeu, Colon começou a conseguir reprimir os descontentes. No entanto, à Corte chegaram denúncias sobre as suas mentiras e os problemas existentes, acabando por ser exigido o seu regresso face às escassas e erradas informações. Colon ignorou a ordem real, antes enviando, em Setembro, em seu nome o irmão Diego o qual nada sabia de cartografia ou cosmografia.

Em Outubro de 1495 faleceu D. João II e foi aclamado D. Manuel em Portugal, ou seja, alterou-se o enquadramento português em que Cristóvão Colon se vinha movendo, nos últimos mais de 10 anos.

Diego Colon tinha voltado às "Índias" em Agosto de 1495 e, em Março do ano seguinte, o Almirante decide regressar a Espanha.

Nomeou o irmão Bartolomeu como Governador e o irmão Diego como Ajudante. Viriam estes, em 1496, a fundar a cidade de Santo Domingo começando a fortificar La Hispaniola, num sinal interpretável como de preparação de um movimento separatista em que enfrentaram, com grande violência, várias rebeliões e vários caciques locais, passando a explorar milhares de indígenas. A Espanha ficava cada vez mais intranquila quanto às intenções dos irmãos Colon.

A caminho da Europa com duas caravelas, Cristóvão Colon tomou, mais uma vez, a rota dos Açores dirigindo-se depois para as costas do Alentejo, onde aportou em Vila Nova de Milfontes, em 8 de Junho de 1496. Ficou aqui dois ou três dias, sem se saber o que fez, com quem se encontrou, ou que informações transmitiu aos portugueses. Só depois se dirigiu para Cádiz onde chegou sem ouro nem outras riquezas.

Colon seria recebido pelos Reis Católicos, em Burgos, em fins de Outubro de 1496, e mais uma vez conseguiu tranquilizá-los.

Tanto assim que terá sido em Abril do ano seguinte a autorização que lhe foi dada para a constituição do seu Mayorazgo – a instituição dos direitos de herança do Almirante – o qual acabaria por só vir a ser constituído em 1502.

A identidade de Colon mantinha-se desconhecida do público em geral. Porém, na Europa corriam notícias da sua ligação familiar a Génova, postas a correr nos últimos anos, após o regresso da sua 1ª viagem.

E, disso tentando tirar partido, por esta altura, finais de 1496, foi assinado em Itália um acordo entre três irmãos, primos do tecelão genovês Cristoforo Colombo, em que um deles, Giovanni Colombo se deslocou a Espanha, a expensas comuns, para visitar o primo, "Almirante de Espanha". Entretanto, surge também em Espanha, um Juan António Colombo que igualmente se intitulou primo do Almirante.

Imune a isso, o duque de Medina-Sidónia não deixaria de tentar que o filho primogénito de Cristóvão Colon, Diogo, casasse com uma sua filha, ao que o Rei D. Fernando, o Católico, se viria a opor. Diogo casaria mais tarde, já em 1508, com uma prima do próprio rei, o que significou a vinculação da família Colon à Monarquia Espanhola.

Só em Julho de 1497, partiu Vasco da Gama para a “confirmação” do caminho marítimo para a Índia, numa altura em que Portugal já estava seguro que a Espanha não constituiria concorrência. Tinham decorrido quase 10 anos de secretismo, após a dobragem do Cabo da Boa Esperança por Bartolomeu Dias.

Em 30 de Maio de 1498, Cristóvão Colon saiu de Sanlúcar de Barrameda, iniciando a sua 3ª viagem ao comando de seis navios. Tinham decorrido dois anos após o regresso da 2ª viagem.

A partir desta altura, sentindo estar o seu apelido a ser identificado com a Itália, adoptou quase exclusivamente como sua assinatura um anagrama em forma piramidal.

Iniciando a viagem, e sem uma justificação credível para se desviar da rota habitual pelas Canárias, Colon aportou primeiro ao arquipélago da Madeira sendo recebido como herói, no Funchal “*por ser naquelas paragens muito conhecido*”, conforme ficaria escrito anos mais tarde.

De seguida, foi às Canárias decidindo então enviar três navios directamente para a ilha Hispaniola enquanto ele próprio rumou a Cabo Verde, onde foi recebido pelo escrivão do tesouro do Rei de Portugal.

A partir daí rumou finalmente para Oeste, chegando a 31 de Julho, a uma ilha que baptizou de Trinidad, junto à costa da actual Venezuela. Atravessou então o canal que separava a ilha do continente e, pela primeira vez, a 4 de Agosto de 1498, pisou a terras continentais além-atlânticas.

Desde a antiguidade clássica que gregos e romanos sabiam que a Índia não era uma ilha, muito menos habitada por populações primitivas que desconheciam a agricultura e o uso de metais como eram os “índios” com que Colon vinha entretendo os espanhóis. Estes, naturalmente, andavam inquietos por ser inconcebível que um navegador tão experiente perdesse tantos anos a navegar entre ilhas e ilhotas.

Só três meses passados, em Novembro de 1498, Colon informou Espanha da “importante descoberta” das terras continentais, mas de modo tão confuso que não seria possível alguém orientar-se com seu relato.

E, com o regresso de Vasco da Gama da Índia, em Julho de 1499, ainda mais afectada ficaria a frágil posição de Colon, face à enorme repercussão que este acontecimento teve nas relações entre Portugal e Espanha, após D. Manuel I ter escrito aos Reis Católicos dando-lhes conhecimento do que se havia visto na Índia: grandes e ricas cidades, minas de ouro, especiarias, pedras preciosas.

Pelos finais do ano, Espanha tomou a decisão de enviar uma missão autónoma para explorar e cartografar as novas terras, o que confirmou a sua suspeita: Colon andara a ocultar o verdadeiro continente. A partir de então, Colon foi desligado das explorações marítimas.

De imediato, Portugal decidiu que a grande armada de Pedro Álvares Cabral, de partida para a Índia, deveria primeiro rumar ao Brasil para que o seu “achamento” pudesse ser publicitado.

A “missão portuguesa” de Colon tinha terminado.

Em final de Agosto 1499, Colon voltou à cidade de Santo Domingo, na Hispaniola, onde deixara como Governador o seu irmão Bartolomeu, desde Março de 1496. Deparou-se então com um ambiente de revolta generalizada por parte dos espanhóis que pressentiam estar a ser traídos, a qual se agravou com a extensão do conflito aos nativos.

As queixas contra a governação começaram a chegar aos Reis Católicos que, em Agosto de 1500, enviaram Francisco de Bobadilla com plenos poderes para resolver a situação. Na

sequência do processo, Cristóvão Colon e seus irmãos foram destituídos de funções, presos e enviados para Espanha, em Outubro 1500.

Já em Cádiz, Colon defendeu-se perante os Reis Católicos que determinaram a sua libertação, em Dezembro, pedindo-lhe que se dirigisse a Granada, onde viria a ser por eles recebido e reabilitado. No entanto, a protecção real estaria perto do fim.

A partir desta altura a sua principal preocupação foi empenhar-se na defesa dos privilégios da sua família, vindo até a levantar vários processos judiciais contra a Corte Espanhola.

1502 foi o ano da constituição do Mayorazgo do Almirante Colon para o que tinha recebido autorização dos Reis Católicos, possivelmente já cinco anos antes, embora o documento nunca tenha sido encontrado. Neste ano, modificou ligeiramente as suas armas para realçar as cinco âncoras de ouro e substituir as cores pelas das armas de Castela.

Desta vez, com o objectivo de procurar uma passagem para a desejada Índia, Colon vinha a insistir longamente com os Reis Católicos para conseguir autorização para uma 4ª viagem. Acabando por o conseguir, seria, no entanto, proibido de desembarcar na Hispaniola.

Partiu a 9 de Maio de 1502, de Cádiz, com quatro caravelas, acompanhado pelo irmão Bartolomeu e pelo filho Hernando, de 13 anos. Cristóvão Colon andaria já pelos 50 anos de idade.

Tendo sabido que a praça-forte portuguesa em Arzila estava cercada pelos mouros, decidiu desviar-se da sua rota e para lá se dirigiu. Quando chegou, já os mouros tinham sido rechaçados, mas os capitães portugueses foram até às caravelas, agradecer a Colon. Refere Hernando Colon, no seu livro "História do Almirante", que o pai era conhecido dos portugueses que estavam na fortaleza, tendo o capitão de Arzila mandado ao seu encontro alguns cavaleiros que eram parentes de *"D. Filipa Moniz, mulher que foi, como já dissemos, do Almirante em Portugal"*.

De seguida, Colon rumou ao seu destino, mantendo a prática das anteriores viagens de proibir as cartas de navegação aos pilotos. Nesta sua última viagem aportou à ilha de Martinica. Tratou-se da pior das suas quatro viagens devido a tempestades frequentes e a doenças das tripulações. Empurrados por furacões, atravessou o Mar das Caraíbas tendo acabado desviado para Cuba. Infrutiferamente tentou alcançar Santo Domingo mas, com os navios a meter água, aproveitou ventos favoráveis em direcção à Jamaica onde os navios encalharam junto à costa.

Já quase sem mantimentos, um homem de confiança de Colon, ofereceu-se para remar numa canoa na tentativa de alcançar a ilha Hispaniola e pedir auxílio. Conseguiu lá chegar, mas o governador espanhol retardaria ao máximo o envio de uma caravela para o resgate.

Colon e companheiros permaneceram abandonados na Jamaica durante um ano. Os espanhóis estavam claramente convencidos que tinham sido enganados.

Porém, em Espanha, em Fevereiro de 1504, os Reis Católicos ainda concederam ao irmão do Almirante, Diego Colon, a nacionalidade espanhola, com o ineditismo de, no documento oficial, não ser identificada a sua naturalidade. Alguém ao mais alto nível do Estado espanhol continuava a proteger a identidade dos irmãos Colon.

Cristóvão Colon regressou a Espanha em 7 de Novembro de 1504, após uma viagem completamente fracassada, dias antes de morrer a Rainha Isabel, a Católica, o que o deixou definitivamente sem apoios.

A Corte não o quis ouvir e teve até de adiantar o soldo aos poucos marinheiros que tinham regressado. Acabou por só ser recebido na Corte, em Maio de 1505, um ano antes de morrer. Mas, sem novidades para oferecer, a sua principal preocupação passou a ser sobreviver e garantir a segurança da família, acusado que era pelos espanhóis de os ter ludibriado.

No final da vida, insistia com o filho Diogo, natural de Portugal, para que nunca se esquecesse das suas origens ...

Cristóvão Colon morreu a 20 de Maio de 1506, em Valladolid, sendo sepultado na Capela da família de Luís II de la Cerda, neto do português João Afonso de Lacerda, senhor do Sardoal e de Punhete.

Nas décadas seguintes, apesar de todas as discrepâncias, por um lado entre a actividade documentada do tecelão genovês Cristoforo Columbo e, por outro lado, a enorme experiência reconhecida como navegador a Cristóvão Colon, os cronistas italianos entenderam que o primeiro correspondia satisfatoriamente aos seus objectivos de atribuir a um italiano o que ficou assinalado como o grande feito da descoberta do Novo Mundo. E foi ficando tacitamente consentida e generalizada a ideia de que o Almirante, citado como Columbo, nascera numa família de humildes tecelões genoveses.

Sabe-se, porém, que Cristóvão Colon nunca manifestou qualquer ligação a Itália nem atribuiu nomes italianos em qualquer das ilhas a que aportou, mas que cerca de 40 desses topónimos são portugueses, maioritariamente de localidades e zonas da Madeira.

Passados mais de 200 anos, na Sala das Descobertas do Palácio Nacional e Convento de Mafra, mandado construir por D. João V, a pintura da abóbada é um simbólico fresco com quatro figuras distintas: Infante D. Henrique, Bartolomeu Dias, Pedro Álvares Cabral e Cristóvão Colon.

Porquê esta intenção de homenagear Colon, lado a lado com os grandes heróis dos descobrimentos portugueses?

- Em 1509, três anos após a morte de Cristóvão Colon, os seus restos mortais foram trasladados de Valladolid para o Mosteiro de Santa Maria de Las Cuevas, em Sevilha, por ordem do filho Diogo.

- Em 1544, voltaram a ser trasladados: de Sevilha, já em conjunto com os restos mortais deste seu filho, para a Catedral de Santo Domingo, na Hispaniola, por ordem da viúva deste.

- Em 1795, quando a França tomou a Hispaniola, foram trasladados, da Catedral de Santo Domingo para Havana, aqueles que se supôs serem os ossos de Cristóvão Colon.

- Em 1898, após a independência de Cuba, estes ossos foram enviados para a Europa, mantendo-se até hoje na Catedral de Sevilha.

Porém, 11 anos antes, em 1887, na Catedral de Santo Domingo, tinha sido descoberta uma urna com a inscrição: "Ilustre y Esclarecido Varón Dom Cristóbal Colón", mas onde se encontravam ossos de dois cadáveres diferentes. Vários historiadores sustentam que estes ossos são do filho Diogo ...

Desconhece-se o paradeiro dos restos mortais do irmão Bartolomeu e do filho Diogo. Apenas se sabe onde estão os ossos do irmão Diego e do filho Hernando.

Muitos continuaram a aceitar que Cristóvão Colon tinha sido um tecelão genovês, apesar de não haver qualquer prova irrefutável a favor, pelo que só exames ADN permitirão confirmar a sua origem.

JOSÉ E. PEREIRA DA COSTA